

PERFORMANCES DE GÊNERO E A MANUTENÇÃO DAS HIERARQUIAS SIMBÓLICAS: UM ESTUDO SOBRE PODER E REPRESENTAÇÕES

Adilane O. Mascarenhas Chagas¹, Adna Jayane Oliveira Mendes², Ana Victoria Oliveira da Cunha Costa³, Beatriz Silva e Silva⁴, Bianca Matos Santos⁵, Emille Vitória Costa Santiago Oliveira⁶, Kaline Vasconcelos Dantas Martins Araújo⁷, Laine Mota de Oliveira⁸, Larissa da Silva Souza⁹, Luma Palloma Amorim¹⁰, Pedro Silva Rodrigues Oliveira¹¹, Sara Alves Leal Bernardes Rodrigues de Oliveira¹², Railma Valéria Dantas Pereira¹³.

RESUMO

Este estudo de revisão de literatura analisa as performances de gênero como mecanismos de manutenção das hierarquias simbólicas, articulando as dimensões do poder e das representações sociais. A pesquisa fundamenta-se teoricamente em Pierre Bourdieu, Erving Goffman, Judith Butler e outros estudiosos da área, buscando compreender como os papéis de gênero são construídos, performatizados e reproduzidos nas práticas sociais cotidianas. Os resultados mostram que as performances de gênero atuam como dispositivos de construção de papéis sociais esperados e de legitimação das estruturas de dominação, reproduzindo a desigualdade a partir de normas culturais naturalizadas e reproduzidas socialmente. Nessa perspectiva, observa-se a necessidade de resistências simbólicas e reconfigurações identitárias que tensionam e questionam a ideologia dominante e o sistema hegemônico, abrindo espaço para novas expressões de subjetividade e construção de identidades positivas. Conclui-se que a performance de gênero é um campo de disputa política e simbólica, no qual se revelam tanto os mecanismos de opressão quanto às possibilidades de transformação social.

Palavras-chave: gênero, poder simbólico, performance.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como propósito analisar a persistência e as formas de manifestação das hierarquias de gênero na sociedade contemporânea, investigando como as disparidades simbólicas e culturais influenciam a autoimagem das mulheres e a ocupação de seus espaços de atuação social e profissional. A análise das relações de poder e dominação de gênero ao longo da trajetória feminina requer um olhar crítico que ultrapasse a dimensão da violência física, contemplando também as formas sutis, simbólicas e internalizadas de

¹Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802320614@ulife.com.br; ²Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802411435@ulife.com.br; ³Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802410163@ulife.com.br; ⁴Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802512600@ulife.com.br; ⁵Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802411204@ulife.com.br; ⁶Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802410906@ulife.com.br; ⁷Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802411657@ulife.com.br; ⁸Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802410005@ulife.com.br; ⁹Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802411915@ulife.com.br; ¹⁰Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802410741@ulife.com.br; ¹¹Aluno de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802320048@ulife.com.br; ¹²Aluna de Psicologia da Faculdade AGES de Jacobina. e-mail: 802410654@ulife.com.br; ¹³Docente. Faculdade AGES de Jacobina. railma.pereira@ulife.com.br

subordinação que permeiam o cotidiano das mulheres e moldam suas experiências (Chan, 2022).

Nesse contexto, a obra seminal de Pierre Bourdieu, *A Dominação Masculina* (2014), oferece instrumentos teóricos fundamentais para compreender os mecanismos que sustentam a permanência das relações de gênero. O autor desenvolve uma análise sociológica acerca da forma como a preeminência masculina foi naturalizada, a ponto de ser percebida como a “ordem natural das coisas” e, de modo ainda mais profundo, internalizada pelas próprias mulheres. O conceito central dessa discussão é o de violência simbólica, caracterizada por sua sutileza, invisibilidade e capacidade de atuar por meio das vias simbólicas da comunicação, da linguagem e do conhecimento. A força dessa forma de dominação reside justamente em seu caráter imperceptível, pois se manifesta quando os sujeitos dominados — no caso, as mulheres — reproduzem inconscientemente as categorias de percepção e de pensamento construídas sob a ótica masculina, utilizando-as para interpretar o mundo e a si mesmas (Fontana e Laurenti, 2020).

Bourdieu (2014) afirma que a estrutura de pensamento androcêntrica — que associa o masculino à competência, à razão e ao espaço público, e o feminino à emoção, à futilidade e ao espaço privado — produz efeitos concretos na vida das mulheres. Essa lógica, profundamente internalizada, faz com que muitas vezes a própria mulher, ainda que vítima de dominação, não reconheça a violência simbólica que sofre, uma vez que ela se apresenta de forma naturalizada. Esse processo, segundo Hourani (2021), legitima a reprodução de modelos de submissão nas relações interpessoais e reforça a vinculação entre competência e masculinidade. Assim, a dominação masculina também se sustenta na divisão social do trabalho e dos papéis de gênero, que condiciona o valor profissional e social de acordo com o sexo. Nessa perspectiva, os homens tendem a ocupar posições de liderança, enquanto às mulheres são atribuídos papéis subalternos, sustentados por uma educação que, desde a infância, ensina meninas a cuidar e meninos a comandar, perpetuando desigualdades e hierarquias.

Apesar de Bourdieu reconhecer os avanços das mulheres no espaço público, ele ressalta que a dominação simbólica assegura a manutenção estrutural do sistema patriarcal. Assim, compreender plenamente essa dinâmica requer a problematização do próprio sujeito político do feminismo. Nessa perspectiva, o pensamento de Judith Butler torna-se fundamental ao questionar a noção de uma categoria universal de “mulher” e ao propor que o

gênero não constitui uma essência natural, mas é continuamente produzido e reiterado por meio de práticas sociais que definem o que é reconhecido como masculino ou feminino.

Conforme Andreucci (2022), a suposta essência natural do gênero é uma ilusão performativa, resultante da “repetição reiterada” de comportamentos socialmente regulados. Dessa forma, o sujeito é constituído por práticas de exclusão que delimitam quem pode ou não ser reconhecido dentro das normas de gênero, o que impõe o desafio de contextualizar a identidade feminina sem comprometer a luta política por igualdade e emancipação. É na articulação entre a crítica à violência simbólica proposta por Bourdieu e a desconstrução das categorias de gênero formulada por Butler que se fundamenta o presente estudo. O objetivo central consiste em analisar como a performance dos papéis de gênero contribui para a reprodução das relações de poder, evidenciando os mecanismos pelos quais o poder simbólico atua na naturalização das disparidades entre homens e mulheres. Busca-se, assim, promover a desnaturalização das categorias de pensamento historicamente incorporadas e sustentadas pelas estruturas sociais, a fim de possibilitar novas formas de subjetivação e agência feminina, pautadas na autonomia e na crítica às normas hegemônicas de gênero (Owusu-Kwarteng, 2024).

MÉTODO

A presente pesquisa configura-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, desenvolvido por meio de revisão de literatura. Nesse contexto, foram selecionados artigos científicos que discutem categorias analíticas como performances de gênero enquanto ato performativo, dominação simbólica, perpetuação das desigualdades, representações sociais e a influência da mídia, da cultura e da religião na manutenção dos estereótipos. Também foram consideradas produções que abordam práticas de resistência e processos de desconstrução das normas de gênero. O objetivo é compreender de que modo as performances de gênero contribuem para a manutenção das hierarquias simbólicas na sociedade contemporânea, revelando os mecanismos sutis pelos quais o poder simbólico atua na naturalização das desigualdades.

Os estudos analisados fundamentaram-se nas teorias de Pierre Bourdieu e Erving Goffman, evidenciando os mecanismos sociais e simbólicos que sustentam formas de submissão e dominação presentes nas relações interpessoais. Tais referenciais teóricos permitem compreender como as estruturas de poder e subordinação são reiteradas e

legitimadas no cotidiano. A análise hermenêutica foi empregada como método de interpretação, buscando identificar as construções simbólicas que consolidam e perpetuam as relações de poder entre os gêneros, revelando os processos sutis pelos quais a desigualdade é naturalizada e incorporada socialmente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base em Bourdieu, na obra *Dominação e Violência Simbólica*, observa-se que a dominação masculina é perpetuada por mecanismos simbólicos e internalizados, os quais se naturalizam a ponto de serem aceitos tanto pelos dominantes quanto pelos dominados. A violência simbólica, descrita pelo autor como “gentil ou imperceptível, mesmo para as vítimas”, evidencia como as mulheres, muitas vezes, elaboram suas percepções e valores a partir de um referencial masculino, reproduzindo inconscientemente a lógica da subordinação. Por sua vez, Judith Butler, ao discutir a performatividade de gênero, concebe o sujeito como produto da repetição reiterada de normas sociais, demonstrando que os papéis de gênero são construções discursivas e não essências fixas.

Os resultados indicam que as hierarquias de gênero persistem através da reprodução inconsciente de normas sociais, mas podem ser tensionadas por atos de resistência e reconfigurações cotidianas. Nesse contexto, a performatividade emerge como um espaço de transformação simbólica, no qual é possível redefinir identidades e ressignificar relações de poder. Assim, as performances de gênero não apenas refletem os mecanismos de dominação simbólica, mas também constituem potenciais instrumentos de emancipação, promovendo igualdade, empoderamento e reconhecimento da diversidade nas dinâmicas sociais contemporâneas.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, o estudo evidenciou que a dominação silenciosa, conforme aprofundada por Bourdieu (2014), está profundamente enraizada e naturalizada na sociedade, contribuindo para a manutenção das hierarquias de gênero e a manipulação velada dos papéis sociais. A atribuição de funções específicas a homens e mulheres reforça o pensamento androcêntrico, restringindo a atuação feminina a espaços ligados ao cuidado e à comunicação. Por sua sutileza e invisibilidade, a violência simbólica faz com que as próprias mulheres, ao internalizar normas históricas de subordinação, reproduzem inconscientemente as desigualdades de gênero.

A pesquisa permitiu compreender que tais hierarquias persistem não apenas em estruturas materiais ou institucionais, mas sobretudo em mecanismos simbólicos e discursivos incorporados às práticas cotidianas. A teoria da performatividade de gênero, proposta por Butler (2022), demonstra que o sujeito feminino não é uma essência fixa, mas uma construção histórica e cultural moldada por discursos e práticas hegemônicas. A articulação entre violência simbólica e performatividade evidencia que o poder opera tanto pela imposição quanto pela repetição de valores e comportamentos, dificultando, assim, a ruptura com os padrões tradicionais.

Os resultados desta revisão indicam que a desconstrução das hierarquias de gênero exige uma reflexão crítica acerca das formas sutis de dominação e da reprodução dos papéis sociais nas diversas esferas da vida cotidiana. Esse processo implica não apenas o reconhecimento das estruturas de poder, mas também a valorização dos gestos de resistência, das práticas de reconfiguração e das novas formas de subjetivação que emergem das experiências femininas. Assim, ao compreender o gênero como uma prática discursiva e simbólica, amplia-se a possibilidade de transformação social e emancipação feminina na contemporaneidade, favorecendo a construção de relações mais equitativas e plurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDREUCCI, Mariana. Entre corpos e discursos: performatividade e sujeito em Judith Butler. **Revista Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 8, n. 2, p. 45-58, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Trad. Maria Helena Kühner. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

CHAN, R. C. H. A social cognitive perspective on gender disparities in self-efficacy, interest, and aspirations in STEM: the influence of cultural and gender norms. **International Journal of STEM Education**, v. 9, art. 37, 2022.

FONTANA, Jordana; LAURENTI, Carolina. Práticas de violência simbólica da cultura de dominação masculina: uma interpretação comportamentalista. **Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis del Comportamiento**, v. 28, n. 4, 2020.

HOURLANI, Jeanine; BLOCK, Karen; BRADBY, Hannah et al. Structural and symbolic violence exacerbates the risks and consequences of sexual and gender-based violence for forced migrant women. **Frontiers in Human Dynamics**, vol. 3, pp. ... 2021.